

ORGULHO E PRECONCEITO EM MÍDIAS SOCIAIS: A ADAPTAÇÃO DE ELEMENTOS NARRATIVOS PARA UMA WEBSÉRIE

PRIDE AND PREJUDICE ON SOCIAL MEDIA: ADAPTING ELEMENTS OF NARRATIVE TO A WEB SERIES

Daiane da Silva LOURENÇO¹

Resumo: A websérie *The Lizzy Bennet Diaries* (2012) é uma adaptação da obra *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, produzida para ser veiculada em mídias sociais. Este artigo apresenta uma análise do processo de transposição do romance para os vídeos a partir de uma perspectiva pós-estruturalista dos estudos de adaptação, baseando-se principalmente em Hutcheon (2011). O objetivo é discutir alguns efeitos que os adaptadores conseguiram criar na websérie ao transpor o texto para outra mídia e outro contexto. O resultado da pesquisa demonstra que durante o processo de adaptação foram feitas alterações no foco narrativo, no enredo e na construção das personagens. Tais modificações são abordadas como criações criativas que contribuíram para o aprofundamento das personagens Elizabeth, Jane, Lydia e Charlotte.

Palavras-chave: Adaptação literária. Mídias sociais. Personagens. Websérie.

Abstract: *The Lizzy Bennet Diaries web series* (2012) is an adaptation of *Pride and Prejudice*, by Jane Austen, produced to be aired on social media. This paper presents an analysis of the process of transposing the novel into web videos from a poststructuralist perspective of adaptation studies, based on Hutcheon (2011). The objective is to discuss some effects that the adapters created in the web series by transposing the text to another medium and context. The research results indicate that during the adaptation process shifts were made in the narrative point of view, the plot and the characters construction. Those changes are studied as creative creations that added depth to Elizabeth, Jane, Lydia and Charlotte as characters.

Keywords: Literary adaptation. Social media. Characters. Web series.

Introdução

O romance *Orgulho e Preconceito*, publicado pela primeira vez em 1813, é considerado um clássico literário pela forma como a escritora Jane Austen empregou uma linguagem irônica em sua elaboração e construiu personagens com densidade psicológica. Ambientada na Inglaterra rural do final do século XVIII, a narrativa aborda questões comuns para a sociedade da época. O narrador

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Contato: daianelourenco@utfpr.edu.br

onisciente e algumas personagens revelam um discurso de questionamento de diferenças entre classes sociais, de relações baseadas em dinheiro, da educação para as mulheres, de regras morais e comportamentais que deviam ser seguidas.

Jane Austen escreveu em um período no qual a escrita era uma atividade essencialmente masculina. Apesar de haver críticas sociais no romance mencionado, elas são inseridas de uma forma contida, principalmente quando o papel da mulher na sociedade é discutido, pois a escritora poderia ter dificuldades para publicar sua obra se não atendesse aos padrões de escrita de romance esperados pelas editoras em uma época em que acreditava-se que os livros tinham efeitos nocivos sobre as mulheres. Mesmo nesse contexto, a escritora dedicou-se a abordar o universo feminino em seus textos. As personagens protagonistas são sempre mulheres, o universo doméstico é abordado constantemente por ser o espaço feminino, e o casamento é um assunto predominante porque era a garantia de estabilidade financeira, visto que mulheres não podiam herdar bens da família.

Apesar do reconhecimento da qualidade da obra da escritora pela crítica literária, nas últimas décadas parece ter sido a alusão à história de amor idealizada pela indústria cinematográfica entre os personagens Elizabeth e Darcy que fez com que o interesse pela obra fosse ampliado. Mesmo sendo um clássico constante entre os mais vendidos no mundo, as vendas do romance aumentaram consideravelmente após adaptações para a tela produzidas a partir da década de 1990. Em 1995, a minissérie produzida pela BBC, com direção de Simon Langton e roteiro de Andrew Davies, instituiu a “Austenmania”. A adaptação foi aclamada por fãs por considerarem a “fidelidade” ao texto literário, pois praticamente todas as ações descritas no romance estão presentes, assim como diversos diálogos; e pelo foco dado ao personagem Darcy, representado de uma forma mais sensível e sensual. Na década seguinte, várias adaptações para a tela foram produzidas, também destacando a relação entre Elizabeth e Darcy, e tiveram um papel importante na popularização do romance.

As adaptações favorecem a circulação da literatura por recontextualizarem as obras e aproximá-las de um público que não está familiarizado com a linguagem literária. São vistas neste trabalho como um processo de (re)interpretação e (re)criação de um texto literário ao realizar a transposição para outra mídia. Não são menores ou ruins, mas são novos textos com características próprias e mantêm um diálogo com o texto anterior. Os estudos de adaptação têm o objetivo de averiguar as escolhas feitas por um adaptador ao realizar a tarefa de transpor uma obra de um sistema de signos para outro. As modificações criadas consideram o contexto histórico e cultural, a mídia e o público-alvo. Durante muito tempo esse campo de estudos esteve focado em

adaptações de obras de literatura dentro do vetor literatura-filme, porém no início do século XXI as pesquisas têm sido ampliadas e incluem outros textos.

Em 2012, a websérie *The Lizzie Bennet Diaries* tornou-se a primeira adaptação da obra a ser veiculada em mídias sociais. A narrativa foi adaptada para o formato de vlog no YouTube e utilizou outras plataformas para contar partes da história por meio de perfis de personagens (Twitter, Facebook, Tumblr). O enredo contado da perspectiva de Lizzie Bennet foi atualizado para o século XXI e alguns conflitos foram modificados. Os adaptadores mantiveram o foco nas personagens femininas, eliminaram as discussões em torno de casamento e vida doméstica e mostraram mulheres jovens preocupadas com a carreira profissional e a vida pública. Dessa forma, a adaptação distingue-se das anteriores — filmes e minisséries — por ter sido produzida para circular no ciberespaço, portanto com foco em um público acostumado a acessar ao mesmo tempo diversas plataformas, e por dedicar-se à construção de personagens femininas. Como resultado, a narrativa conquistou um público jovem internauta composto sobretudo por mulheres. Noventa por cento do público que acompanhou a websérie enquanto estava sendo veiculada era composto por mulheres, sendo que desse percentual setenta por cento eram mulheres com menos de vinte e cinco anos². O público jovem feminino identificou-se com as personagens construídas na adaptação provavelmente por vivenciarem situações parecidas em seu cotidiano.

Neste trabalho, analisamos o processo de adaptação do romance *Orgulho e Preconceito* (1813) para a websérie *The Lizzie Bennet Diaries* (2012) e discutimos alguns efeitos que os adaptadores conseguiram criar no novo texto. A (re)criação do texto literário envolveu mudança de mídia e de contexto, por isso alterações foram feitas no foco narrativo, no enredo e na construção dos personagens. O resultado da produção é um texto independente da obra de Jane Austen que proporciona ao espectador o contato com um texto novo (*The Lizzie Bennet Diaries*) e um texto conhecido (*Orgulho e Preconceito*) ao mesmo tempo.

A websérie *The Lizzie Bennet Diaries*

A ideia de produzir *The Lizzie Bennet Diaries* partiu de Hank Green, um vlogueiro que possui diversos canais no YouTube. Há anos trabalhando com a produção de vídeos online, Hank Green fez uma proposta para Bernie Su, produtor de webséries, para criar uma adaptação de uma obra literária em formato de vlog no YouTube em 2012. Com uma experiência com vídeos que difere

² Informações apresentadas por Bernie Su no evento *Transmedia Meetup* que aconteceu em San Francisco em 2013. Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ITv5ryeAWm0&t=191s>>. Acesso em 19 out. 2018.

das produções cinematográficas, acostumados com o uso do ciberespaço, a circulação de textos em múltiplas plataformas e a interação online, Hank Green e Bernie Su produziram a primeira adaptação de *Orgulho e Preconceito* em múltiplas plataformas.

Para compreender o processo de transposição do romance para a websérie é importante ressaltar que, ao contrário do texto literário, as plataformas utilizadas na adaptação têm características que não são fixas. Houve uma mudança de mídia (do texto impresso para páginas na internet) que exigiu que diversas alterações fossem feitas no texto de partida. As alterações realizadas pelos adaptadores envolvem não apenas mudanças na narrativa (narrador, personagens, enredo), mas também a adequação do novo texto às plataformas escolhidas, as quais exigem o uso de linguagem multimodal (texto, imagem, som) e a possibilidade de o usuário navegar de uma página para outra em busca de novas informações.

Vlogs e webséries são gêneros que se desenvolveram no YouTube porque encontraram um espaço propício para sua divulgação. Os adaptadores optaram por adequar a narrativa do romance a esses formatos e atender às demandas de um público acostumado a utilizar os recursos disponíveis no YouTube: curtir, comentar, compartilhar. O uso do formato de vlog e de websérie para a produção teve o objetivo de atrair um público jovem, usuário da internet, interessado em navegar em diversas páginas ao mesmo e em participar do processo de criação de uma narrativa online por meio dos recursos de interação disponíveis nas plataformas.

Os vlogs surgiram como diários online com publicações de vídeos. Os profissionais que mantêm um vlog são chamados de vloggers ou vlogueiros e empregam recursos na gravação dos vídeos para estabelecer uma relação de proximidade com seus *viewers* (espectadores), como falar diretamente com a câmera encenando um diálogo com quem está assistindo. A filmagem costuma ser realizada em um ambiente particular, geralmente o quarto, revelando um pouco da vida privada.

Em *The Lizzie Bennet Diaries*, a personagem principal e narradora é Lizzie Bennet, uma estudante de mestrado em comunicação que propõe um projeto de elaboração e postagem de vídeos pessoais em um vlog como trabalho final de uma disciplina sobre mídias. A proposta é relatar os dramas de sua vida como estudante universitária com dívidas de crédito estudantil, sem emprego e sem perspectivas para o futuro, pois considera estar investindo em uma carreira arriscada. É uma jovem de 24 anos que ainda mora com os pais e as irmãs Jane e Lydia. Sua família é de classe média e enfrenta dificuldades financeiras para manter as filhas e pagar a hipoteca da casa. Os vídeos revelam diversas questões pessoais, brigas com a amiga Charlotte, dificuldades de relacionamento com a mãe e com a irmã mais nova, e o fato de não gostar de um rapaz que conheceu recentemente chamado Darcy. A maior parte dos vídeos foram gravados no quarto de

Lizzie, um quarto típico de estudante com diversos livros e pôsteres na parede, com a câmera parada e a personagem conversando diretamente com o público.

Embora *The Lizzie Bennet Diaries* tenha o formato de vlog, é uma narrativa organizada como websérie, uma produção audiovisual seriada distribuída no ciberespaço que apresenta traços de algumas produções televisivas (novelas, minisséries, séries), porém foi adequada para o contexto das plataformas online, com mudanças em sua produção e distribuição, e feedback imediato dos espectadores. De acordo com Hergesel (2014), a brevidade e o orçamento baixo das webséries costuma fazer com que o número de personagens seja limitado, espaço restrito, tempo mais ágil. O enquadramento é alterado devido ao tamanho da tela, menor do que a televisão e o cinema, por isso os planos gerais são evitados, já que os detalhes ficariam difíceis de serem visualizados, e o primeiro plano predomina. Apesar de tais alterações, as webséries são textos narrativos em linguagem visual que contêm os elementos básicos para a elaboração de uma história de ficção: personagens, enredo, narração (ou foco narrativo), tempo (ou ambientação) e espaço.

A websérie estudada tem cerca de 100 episódios e gerou mais de nove horas de material, sendo a adaptação mais longa do romance *Orgulho e Preconceito* para a tela. Os vídeos têm cerca de cinco minutos, foram publicados duas vezes por semana ao longo de um ano, entre 09 de abril de 2012 e 28 de março de 2013. A narrativa central aparece no canal *The Lizzie Bennet Diaries*, mas os criadores aprofundaram as personagens Lydia Bennet, Charlotte e Georgiana Darcy por meio da produção de *spin-offs*. Os canais que narram paralelamente eventos da vida dessas personagens são, respectivamente: *The Lydia Bennet*, *Maria Of The Lu* e *Domino: Gigi Darcy*.

Além dos vídeos disponíveis no YouTube, nos canais citados, a produção utilizou outras plataformas para acrescentar informações sobre a narrativa no intervalo entre as publicações semanais dos episódios. A maioria dos personagens possuía perfis na mídia social Twitter, como se fossem pessoas reais, onde publicavam a respeito de atividades cotidianas, acontecimentos da narrativa e dialogavam com outros personagens. Os usuários que queriam uma experiência mais imersiva com a narrativa podiam acompanhar ao longo do ano de produção os posts diários desses personagens e lhes enviar mensagens.

No dia 9 de abril de 2012, às 9h, o primeiro episódio da websérie foi disponibilizado no YouTube. No episódio, a compra de uma casa em Netherfield é mencionada e comentada pela família de Lizzie Bennet. No mesmo dia, Bingley iniciou um diálogo com sua irmã, Caroline, e seu amigo, Darcy, no Twitter para informá-los sobre o assunto. O público teve a oportunidade de ver mais detalhes sobre os eventos do episódio 1 ao seguir os personagens no Twitter e ler a conversa na qual Bingley confirma a compra da casa e avisa a irmã e o amigo que vão adorar o lugar. Os

perfis permitiram que os usuários conhecessem a história através das diferentes perspectivas dos personagens, pois os tuítes revelavam o posicionamento de cada um sobre os eventos. Além disso, a plataforma favoreceu a interação entre público e personagens. Algumas ações da narrativa eram comentadas, questionadas ou sugeridas pelos usuários no Twitter.

Estudos sobre adaptação

Neste trabalho, adotamos a perspectiva pós-estruturalista dos estudos de adaptação, a qual propõe a desconstrução da ideia de que o texto “original” é hierarquicamente superior. Ao estudar um texto literário e sua adaptação, essa linha crítica considera que são textos independentes, porém relacionados, e questiona a visão de que é possível restituir completamente o sentido de um texto ao traduzi-lo. Diante disso, como a palavra “original” sugere uma hierarquia com sua adaptação, passou-se a empregar o termo “texto de partida” para a obra antes considerada como “fonte”.

A crítica pós-estruturalista acredita que a fidelidade ao texto de partida não é possível na adaptação porque não é um processo neutro. As alterações feitas no texto são mediadas pelo adaptador, que é um sujeito inserido em um contexto histórico-cultural específico, e suas intervenções no texto não são isentas, revelam sempre sua própria avaliação (RODRIGUES, 2000). Por isso, não existe equivalência entre textos, existe um processo de criação a partir do texto de partida que “recontextualiza a obra literária original, gerando outras imagens, reescrevendo-a numa outra realidade na qual é percebida” (AMORIM, 2005, p. 29).

A visão de superioridade do texto literário em relação às adaptações ainda predomina na academia, e também está presente entre leitores que não têm experiência com a literatura. A percepção de que uma adaptação tem que ser “fiel” ao texto literário para ter qualidade é cultivada e análises são feitas com o objetivo de verificar as “perdas” provocadas ao transpor o texto para outra mídia. Em contrapartida, um estudo voltado para a adaptação em uma perspectiva crítica pós-estruturalista estará focado em averiguar os efeitos que o processo conseguiu ou não criar (CORSEUIL, 2009) ao invés de voltar-se para “perdas” em relação ao texto de partida. O campo dos estudos de adaptação tem ampliado sua abordagem e caminhado em direção a pesquisas que refutam a visão de fidelidade, e consideram elementos externos, como o contexto histórico-cultural, o processo de produção e de recepção, a circulação do texto e como esses aspectos são significativos para que sejam feitas alterações no texto de partida durante a criação da adaptação.

Hutcheon (2011) não considera ser necessário discutir a questão da fidelidade e justifica que o posicionamento a favor das adaptações “fiéis” ainda está presente porque a sociedade ainda

tem uma desconfiança em relação ao visual e uma atitude de olhar para a escrita como algo sagrado. Apesar disso, as adaptações existem porque as pessoas sentem prazer em vê-las. Elas estão em todos os lugares atualmente, “nas telas da televisão e do cinema, nos palcos do musical e do teatro dramático, na internet, nos romances e quadrinhos, nos fliperamas e também nos parques temáticos mais próximos de você” (HUTCHEON, 2011, p. 22). A autora afirma que as adaptações dialogam com o texto de partida, existem como repetição e lembrança de um texto, mas com variação e surpresa.

A relação entre a adaptação e o texto de partida é apontada por Bruhn (2013) como uma questão relevante para estudo. Bruhn (2013) afirma que a adaptação deveria ser considerada um processo de mão-dupla ao invés de mão única. Nós deveríamos estudar tanto o texto de partida quanto o resultado da adaptação como dois textos que dialogam infinitamente, mudando de posição, sendo fonte um para o outro na recepção dentro do processo de adaptação. Essa relação dialógica entre os textos é chamada de intertextualidade por Stam (2013). O autor enfatiza que nesta abordagem focada na relação intertextual, ao contrário de análises centradas na fidelidade, a adaptação não é vista como secundária, mas como obra independente, capaz de recriar, criticar e atualizar os significados do texto adaptado.

Tanto Hutcheon (2011) quanto Stam (2013) baseiam-se no estudo de Genette, publicado na obra *Palimpsestos*, para afirmar que existe um diálogo entre diferentes obras, que um texto pode ler outro texto, e o público no ato de recepção da obra tende a observar os aspectos familiares e os desconhecidos da narrativa. Quanto maior o repertório do leitor, mais condições ele terá de explorar a intertextualidade da adaptação como se fosse um palimpsesto.

Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos (mais literalmente: *hipertextos*) todas as obras derivadas de uma obra anterior, por transformação ou por imitação (GENETTE, 2010, p. 7).

Nesse sentido, uma adaptação de uma obra literária faz com que o espectador experimente mais de um texto ao mesmo tempo. “Quando dizemos que a obra é uma adaptação, anunciamos abertamente sua relação declarada com outra(s) obra(s)” (HUTCHEON, 2011, p. 27). Por isso, as adaptações são obras “palimpsestuosas” assombradas pelos textos anteriores. Se o espectador conhece o texto anterior, sente constantemente sua presença pairando sobre a adaptação. Quando não há o conhecimento dos outros textos, a adaptação é experienciada sem a duplicidade “palimpsésica”.

A websérie *The Lizzie Bennet Diaries* estabelece uma relação intertextual com o romance *Orgulho e Preconceito* e também com outras adaptações da obra. O público que assiste aos episódios pode ver a websérie como uma adaptação do texto de Jane Austen e verificar as semelhanças e diferenças entre os textos por conhecerem o texto de partida; ou, caso não tenham lido o romance, podem considerá-la como um texto novo, sem estabelecerem relações de intertextualidade. Nossa proposta é analisar algumas transformações realizadas pelos adaptadores, portanto a visão intertextual é importante para compreender certos efeitos alcançados pela websérie.

Os efeitos da transposição do romance para a websérie

A primeira mudança significativa na adaptação estudada é a transposição do texto literário para outra mídia: do texto impresso e verbal para vídeos em uma plataforma no ciberespaço, empregando a linguagem multimodal. Esse aspecto foi sugerido por Hutcheon (2011) como o estudo da adaptação como uma entidade ou produto formal. “Essa ‘transcodificação’ pode envolver uma mudança de mídia (de um poema para um filme) ou gênero (de um épico para um romance), ou uma mudança de foco e, portanto, de contexto” (HUTCHEON, 2011, p. 29). Em *The Lizzie Bennet Diaries*, houve uma mudança de mídia que implicou em outras modificações: foco narrativo, personagens, enredo.

O texto foi atualizado para o ano de 2012. Acontecimentos da narrativa contextualizada no final do século XVIII precisaram ser repensados para fazerem sentido no século XXI. As decisões dos adaptadores “são feitas num contexto criativo e interpretativo que é ideológico, social, histórico, cultural, pessoal e estético” (HUTCHEON, 2011, p. 153). A atualização diminui a distância entre o romance e o leitor contemporâneo. Por causa disso, Kozak (2016) afirma que a websérie conversa com o público de uma forma bastante diferente de adaptações anteriores das obras de Austen. É um texto moderno, pensado para novos leitores e que, apesar de transformar o texto de partida, faz uma homenagem à obra da escritora ao manter e aprofundar alguns temas presentes no romance.

Para que a narrativa fosse adequada para o formato de vlog, o foco narrativo foi modificado. No romance o foco narrativo é em terceira pessoa, com um narrador onisciente. Como na adaptação a personagem Lizzie é retratada como uma vlogueira, os fatos são contados de sua perspectiva. A personagem se apresenta da seguinte forma: “Sou uma universitária de 24 anos com uma montanha de dívidas em crédito estudantil, morando com os pais e se preparando para uma

carreira. Mas para minha mãe a única coisa que importa é que eu sou solteira³” (Ep. 1, 0’16”-0’23”). Ao inserir a personagem protagonista como narradora dos fatos, a adaptação passa para o público a ideia de veracidade porque a pessoa que vivencia os acontecimentos está fazendo o relato. Por outro lado, a escolha de adotar o ponto de vista de Lizzie faz com que exista um limite do que pode ser mostrado para o público, pois ela precisa ter conhecimento dos fatos e vontade de compartilhá-los.

O formato de vlog faz com que a fronteira entre o real e o ficcional seja borrada por passar a impressão de que Lizzie é uma pessoa real e comum que está expondo sua intimidade em vídeos online. Apesar de o público saber que é uma personagem, a forma como Lizzie conversa com os *viewers* nos vídeos constrói uma relação de proximidade, um efeito que as diversas adaptações anteriores do romance não conseguiram produzir. Esse efeito produzido demonstra que os adaptadores souberam aproveitar as especificidades desse meio ao transpor o romance.

Apesar de a atualização procurar seguir o enredo do romance, inclusive permitindo ao público que conhece o texto de partida acompanhar o desenrolar da narrativa capítulo por capítulo, também faz diversas alterações, adições e supressões para que as ações e conflitos sejam contextualizadas para o século XXI e para a nova mídia. O baixo orçamento da websérie também influenciou em algumas decisões tomadas para a adaptação, como não contratar atores para representar alguns personagens e diminuir o número de locações para as filmagens. A diminuição no número de personagens permitiu o aprofundamento de Jane, Lydia e Charlotte, pouco desenvolvidas em adaptações anteriores. Não há cinco irmãs na narrativa, mas apenas Jane, Lizzie e Lydia por se tratar de uma família de classe média estadunidense em 2012 e esse ser um número de filhos mais comum.

Na websérie, não há a presença de atores interpretando o senhor e a senhora Bennet, nem os tios Gardiner ou Lady Catherine de Bourgh. O senhor e a senhora Bennet são apresentados ao público por Lizzie por meio de *costume theatre* (imitação). Lizzie utiliza um chapéu azul de aba larga, brincos grandes de pérolas e colar, e um lenço jogado sobre os ombros quando quer representar sua mãe e revelar ao público sua opinião. O Sr. Bennet é retratado por Charlotte com um chapéu e um cachimbo. Toda a visão que temos do Sr. e da Sra. Bennet é a partir da perspectiva de Lizzie. Ao longo da narrativa, percebemos que o fato de não haver a presença de pais e tios na websérie faz com que o foco se limite ao cotidiano, conflitos e decisões das personagens jovens.

³ Transcrição e tradução nossa da seguinte fala da personagem: “I’m a 24 year old grad student with a mountain of student loans, living at home and preparing for a career. But to my mom, the only thing that matters is that I’m single”.

Essas escolhas são parte do que Hutcheon (2011) chama de processo de criação. A adaptação sempre envolve uma (re)interpretação do texto de partida e uma (re)criação. Corseuil (2009) concorda com esse posicionamento e argumenta que a riqueza de significados de um texto literário é melhor atualizada quando a adaptação é criativa. A autora afirma que ao produzir um texto o adaptador busca “equivalências” entre diferentes sistemas de signos para os vários elementos da história, dentre os quais alguns são mais fáceis de serem transpostos para outra mídia, por exigirem poucas mudanças, enquanto outros precisam passar por modificações mais radicais. A transposição dos personagens, por exemplo, exige uma construção de sua caracterização que será exposta ao espectador, a qual pode não estar completamente descrita no romance e precisará, portanto, ser criada.

Como cada mídia tem suas próprias particularidades, a caracterização de um personagem no romance é diferente de sua caracterização em um filme. Chatman (1980) considera que a tarefa do escritor é mais fácil do que a de um produtor de filmes, pois o autor nomeia os atributos dos personagens e os leitores os aceitam. Por outro lado, no filme a equipe de produção realiza um trabalho conjunto para convencer o público sobre as pistas verbais e não-verbais. O público deve aprovar a caracterização dos personagens por meio do roteiro, do cenário, da iluminação, do figurino, da trilha sonora, entre outros. Assim sendo, tanto o romance quanto o filme têm limitações e possibilidades.

Em um romance, as personagens podem ser: planas, caracterizadas com um número pequeno de atributos, pouco complexas; ou redondas, mais complexas e com uma variedade maior de características (GANCHO, 2006). Em *Orgulho e Preconceito*, Elizabeth e Jane são personagens complexas, e Lydia e Charlotte são personagens planas. Na websérie, todas essas personagens foram aprofundadas e são tridimensionais, apresentam características físicas, sociais (classe social, família, nível de escolaridade, profissão) e psicológicas. As características físicas das personagens citadas não são apresentadas no romance, porém os adaptadores precisaram decidir como seriam esses aspectos porque a websérie é baseada no visual, no mostrar. Chatman (1980) considera essa a principal característica do vídeo: ele não diz: “Lizzie é magra, tem estatura mediana, pele clara, cabelo ruivo, olhos claros, cerca de 24 anos”, ele mostra. As características sociais e psicológicas são reveladas aos poucos no romance, levando o leitor a interpretar as qualidades e os defeitos das personagens a partir de suas falas e ações. Na websérie, ao contrário, alguns aspectos psicológicos e sociais podem ser percebidos pelos espectadores ao verem as personagens na tela, por causa da roupa, penteado, maquiagem, postura, olhar, expressão facial, tom de voz, gestos. Ainda que não

sejam apontados verbalmente no vídeo, esses outros aspectos podem fazer com que o espectador deduza tais características.

Na perspectiva adotada na adaptação, o casamento não é o ponto central e não é a principal forma de as mulheres conseguirem estabilidade financeira, como acontecia na Inglaterra no século XVIII. A atualização do enredo para o ano de 2012 procurou focalizar as relações entre as personagens femininas, como irmãs e como amigas, e as dificuldades que enfrentam como jovens mulheres na contemporaneidade. As falas das personagens ressaltam desde o início da narrativa preocupações relacionadas à carreira profissional. Além disso, a websérie também aborda a busca das mulheres por uma identidade que não seja definida a partir de um homem e o discurso de repressão da sexualidade feminina. Como a adaptação é também um ato de revisão do texto anterior (SANDERS, 2006), possibilita que os adaptadores olhem de uma forma diferente para a narrativa e para o papel social da mulher. Dessa forma, os eventos presentes no romance foram revisados na websérie para que façam sentido no século XXI, mas ainda alcançam efeitos parecidos no público e lembram o enredo do texto de Austen.

A personagem Lizzie tem um papel significativo na narrativa por ser a vlogueira-narradora. Considerada pela irmã Lydia como uma “solteirona encalhada” e “nerd”, é uma jovem que passa bastante tempo na biblioteca e não costuma ir a festas ou bares. No segundo episódio, apresenta-se da seguinte maneira: “Eu gosto de chuva, livros clássicos e qualquer filme estrelado por Colin Firth. Estou na faculdade estudando comunicação, então eu leio muito, escrevo muito e especialmente neste momento falo muito⁴” (0’34”-0’43”). A personagem dedica a maior parte do seu tempo aos estudos e tenta mostrar aos *viewers* como a vida de estudante universitária exige dedicação. Apesar de ser uma pessoa dedicada e estudiosa, Lizzie julga as pessoas negativamente, acredita que está sempre certa, não ouve os outros e não reconhece seus erros, demonstrando orgulho e preconceito em diversas situações. Nos primeiros episódios, faz duras críticas à irmã mais nova, porém diversos acontecimentos fazem com que perceba o erro que está cometendo. O mesmo acontece em relação a outros personagens. A caracterização da personagem é aprofundada pelo fato de os eventos serem contados de sua perspectiva e seu amadurecimento é acompanhado pelo público.

No romance, Elizabeth realiza duas viagens: uma visita à sua amiga recém-casada Charlotte e um passeio com os tios, no qual conhece a casa de Darcy, Pemberley. Ambas as viagens são transpostas para a websérie como atividades de estágio acadêmico. Lizzie visita Charlotte em seu

⁴Transcrição e tradução nossa da seguinte fala da personagem: “I like rain, classic novels, and any movie starring Colin Firth. I’m in grad school studying Mass Communication, so I read a lot, I write a lot, and especially at this moment talk a lot”.

novo emprego e aproveita para desenvolver um projeto da faculdade na empresa. Em San Francisco, agenda o desenvolvimento de um estágio na Pemberley Digital e, após iniciar as atividades, descobre que a empresa é de Darcy. As transformações realizadas no enredo ressaltam aspectos comuns atualmente na vida de jovens buscando estudar e adquirir experiência para construir uma carreira profissional. O ato de revisão inseriu eventos contemporâneos próximos da realidade do público.

Charlotte aparece no primeiro episódio como a melhor amiga de Lizzie e é a pessoa que contribui com a gravação e edição dos vídeos para o vlog. Charlotte Lucas é transformada em Charlotte Lu, uma estudante de mestrado em comunicação de descendência asiática. A personagem é a filha mais velha de uma família de classe média que está com dificuldades financeiras inclusive para possibilitar que ela continue seus estudos. A estudante não é sonhadora, é bastante realista e sabe que devido à sua idade e às condições de sua família precisa tomar decisões para ajudar aos pais e se manter financeiramente. Em uma conversa na qual Lizzie afirma que Charlotte será uma pessoa famosa e de muito sucesso porque é inteligente e trabalha bastante, Charlotte diz: “Desculpa acabar com o seu sonho Lizzie, mas o sucesso acontece por sorte. Sorte, trabalho duro, e mais sorte. Já vi acontecer⁵” (Ep. 16, 2’52”-3’00”). A personagem é mais racional do que emocional, é apaixonada pelo curso de comunicação e pelo trabalho com vídeos, mas tem consciência de que não é fácil construir uma carreira nesta área.

Os adaptadores revisaram a proposta de casamento de Mr. Collins para Elizabeth Bennet. Na websérie, Ricky Collins é um amigo de infância de Lizzie que gerencia uma empresa na área de comunicação e mídia. Como a proposta de casamento devido ao fato de ser herdeiro dos bens da família soaria estranha na atualidade, Ricky Collins oferece uma posição na empresa na qual trabalha. O personagem afirma que assistiu aos vídeos, percebeu o sucesso do vlog de Lizzie na internet, e considera que os conhecimentos sobre produção e distribuição de vídeos online da personagem serão relevantes para a sua empresa. Apesar de a proposta ser lucrativa, Lizzie recusa a oferta de emprego. O episódio estabelece uma relação intertextual com o romance e recria o diálogo em que Mr. Collins insiste em repetir os aspectos positivos de sua proposta e Elizabeth nega diversas vezes apontando os aspectos negativos. A atualização da cena conseguiu alcançar um efeito similar ao do texto de partida, mas abordando as preocupações das jovens mulheres na contemporaneidade. Lizzie afirma que não aceita trabalhar com vídeos instrucionais, como a empresa de Collins faz, pois quer dedicar seu tempo a algo que ama fazer. Em contrapartida,

⁵ Transcrição e tradução nossa da seguinte fala da personagem: “I hate to burst your bubble Lizzie, but success is mostly luck. Luck, hard work, and more luck. I’ve seen it”.

Charlotte Lu convence Ricky Collins a lhe fazer a mesma proposta de emprego e a aceita por considerar que está em uma situação econômica difícil e não quer perder uma oportunidade lucrativa como essa. Esta mudança significativa no enredo revela as diferenças de contextos sociais entre o romance e sua adaptação.

No romance e nas adaptações anteriores os leitores pressupõem que Charlotte provavelmente induziu Mr. Collins a pedi-la em casamento. Na websérie, um episódio é produzido para mostrar aos espectadores Charlotte Lu convencendo Ricky Collins a lhe oferecer o emprego que havia proposto para Lizzie. Diante da negativa de Lizzie, aproveita um momento de conversa com Collins e o manipula de forma que recebe a mesma oferta de emprego e a aceita. O diálogo apresentado no episódio demonstra como a personagem Charlotte na websérie é mais complexa e uma mulher determinada a atingir seus objetivos profissionais, mesmo que para isso precise aceitar uma proposta de emprego interessante, porém ao lado de um sócio difícil de tolerar. Sua participação na narrativa é ampliada na adaptação e participa de conflitos importantes. Quando Lydia envolve-se com George Wickham, por exemplo, é Charlotte quem avisa Lizzie sobre a tentativa de publicação de um vídeo de Lydia na internet, enquanto no romance e em outras adaptações é Jane quem traz essa informação.

Lydia também é construída como uma personagem mais complexa. Apesar de ainda ter traços de imaturidade, atitudes infantis e embaraçosas, ela é uma mulher que lida com conflitos contemporâneos: sua relação com os pais, a dificuldade de ser aceita por sua irmã Lizzie, o fato de a sociedade ainda exigir determinados comportamentos das mulheres, a vontade de se divertir, mas a necessidade de estudar e trabalhar por ser de classe média. Lydia é uma personagem com várias camadas e profundidade, o que podemos perceber ao longo da narrativa. No início, aparece como uma jovem de vinte anos, descontraída, despreocupada com o futuro, sempre alegre, louca por homens e ingênua. Lizzie não aprova o comportamento despreocupado com o futuro da irmã mais nova Lydia e sua presença contínua em bares e festas. A apresenta ao público afirmando que: “estamos muito orgulhosos pelo fato de agora ela ser muito velha para participar de algum reality show sobre gravidez na adolescência⁶” (Ep. 2, 1’04”- 1’08”). No entanto, Lydia começa a demonstrar insatisfação com o julgamento constante da irmã e começa a amadurecer como pessoa, principalmente após sua relação conturbada com George Wickham.

Em sua busca por aceitação e não se sentindo acolhida pela família, Lydia começa a gravar seus próprios vídeos. Segundo Kozak (2016), o público começa a rever os conceitos pré-

⁶ Transcrição e tradução nossa da seguinte fala da personagem: “We’re all very proud she is now too old to be on any reality shows about having babies in high school”.

estabelecidos sobre a personagem ao acompanhar seu vlog e ouvir sua perspectiva sobre os fatos. Lydíia discute com Lizzie por causa do julgamento constante sobre seu comportamento, afasta-se das irmãs e sente-se sozinha, momento no qual George Wickham aparece. Os vídeos do canal *TheLydiaBennet* revelam a construção de um relacionamento abusivo, pois Wickham repete constantemente para Lydíia que a família da personagem não se preocupa com seus sentimentos enquanto ele está o tempo todo ao seu lado, a apoiando no que precisar. A adaptação revela como Wickham influenciou as decisões de Lydíia neste período por meio do *spin-off*, enquanto no romance o leitor não é informado sobre o que aconteceu entre Lydíia e Wickham até o momento em que fogem juntos. Dessa forma, a adaptação mostra uma perspectiva diferente sobre os eventos.

No romance, a fuga de Lydíia com George Wickham sem se casarem é um conflito importante, pois naquele período era um escândalo social. Contudo, o mesmo conflito não geraria a mesma indignação atualmente. Na transposição para a adaptação, o conflito foi transformado em uma tentativa de Wickham de divulgar na internet um vídeo do casal fazendo sexo. Lydíia não sabia da intenção do namorado ao gravar as imagens. A adequação realizada na narrativa buscou alcançar um efeito de escândalo na sociedade contemporânea. Assim como no romance, o escândalo envolve um comportamento da mulher considerado inapropriado por convenções sociais.

A fim de aproximar-se da veracidade, os adaptadores construíram uma página de um site no qual afirmava-se que no dia 14 de fevereiro, dia dos namorados nos Estados Unidos, o vídeo de Lydíia estaria disponível (lydiabennettape.com). O público ficou comovido com a situação e enviou mensagens para Lydíia apoiando-a, enquanto escreviam para o perfil de George Wickham pedindo para desistir do plano. A adaptação conseguiu criar um efeito de comoção entre o público que, provavelmente pela primeira vez, decidiu que a personagem Lydíia não era culpada pelos acontecimentos, havia sido enganada e não deveria ficar com George Wickham. Após a solução do conflito, realizada com a contribuição de Darcy e sua irmã Gigi, Lydíia demonstra amadurecimento e Lizzie também. A relação entre as irmãs torna-se mais próxima. As críticas de Lizzie são substituídas por expressões de companheirismo.

A irmã mais velha Jane tem 26 anos, já terminou a graduação e trabalha no departamento de moda de uma empresa, no entanto, ganha pouco, tem dívidas de financiamento estudantil e está tentando conquistar um emprego melhor em sua área. É educada, tímida, calma, preocupada com as outras pessoas, dedicada ao trabalho. Apesar de ser romântica, coloca sua carreira antes de um relacionamento. Ao contrário da construção da personagem no romance, na adaptação não age como se não houvesse futuro após o término de sua relação com Bing Lee (no romance *Bingley*). Vive momentos de tristeza, mas retorna às suas atividades diárias. Jane decide seguir com sua vida

sem Bing Lee e demonstra não ter medo de mudanças para atingir seu objetivo de conseguir um emprego melhor no ramo da moda. Aceita uma proposta de emprego que sua empresa havia feito para trabalhar em Los Angeles e ao retornar para casa para uma visita afirma: “Eu estou em uma nova cidade. Tenho um emprego que eu adoro, com pessoas que são legais e interessadas em coisas legais. Não preciso de um relacionamento que deu errado para me definir⁷” (Ep. 70, 2’09”-2’20”). A personagem demonstra crescimento após o término do relacionamento e a mudança para outra cidade, assim como afirma que não quer que sua identidade como mulher seja definida em relação a um homem. Ao final da narrativa, a personagem recebe uma proposta de trabalho em Nova York e decide aceitá-la. Quando Bingley a procura para reatar o namoro, a personagem avisa que está se mudando e ele pode decidir acompanhá-la ou não.

No processo de adaptação, diversas escolhas foram realizadas pelos adaptadores para que a narrativa de *Orgulho e Preconceito* fosse atualizada para o público do século XXI e contada em forma de vlog. Como a websérie é composta por mais de cem episódios, somando mais de nove horas de material, a ideia de mostrar ao público a perspectiva de cada personagem sobre os eventos narrados fez com que a caracterização de cada uma fosse aprofundada. Lizzie, Jane, Lydia e Charlotte mostram ao público o que pensam e como se sentem nas diversas situações, um aprofundamento que ainda não havia sido criado em outras adaptações do romance para a tela.

Considerações finais

As transformações realizadas no foco narrativo, nas personagens e no enredo demonstram que a adaptação produziu alguns efeitos sobre o texto distintos do romance, mas, ao mesmo tempo, possibilitam que a presença do texto anterior seja percebida enquanto acompanhamos a websérie. A construção das personagens na websérie baseia-se em suas características no romance e as amplia. O aprofundamento da caracterização das personagens Lizzie, Charlotte, Lydia e Jane é possibilitado devido ao número de horas de vídeos e à perspectiva narrativa adotada. O objetivo da adaptação é revelar ao público as percepções de cada uma dessas personagens e isso foi proporcionado por meio da transposição do texto para o formato de vlog.

O enredo pode ser acompanhado pelo público que está lendo o romance, pois os adaptadores decidiram manter a maior parte dos acontecimentos apesar de atualizá-los. As modificações atenderam ao contexto histórico e cultural da época da produção, assim como à nova

⁷ Transcrição e tradução nossa da seguinte fala da personagem: “I’m in a new city. I have a job that I love with people that are very cool and interested in cool things. I don’t need one failed relationship to define me”.

mídia e ao público. O resultado do processo de adaptação é um texto novo que apresenta semelhanças e diferenças em relação ao romance.

A produção preocupou-se em atender à demanda de um público jovem internauta, interessado em narrativas fragmentadas, em episódios breves e em interagir, de alguma forma, com o enredo, porém não deixou de investir na elaboração das personagens. Diferente das personagens do romance, com identidades fixas, na websérie os sujeitos são fragmentados, com identidades fluidas, em busca do seu lugar na sociedade contemporânea. Apesar de ser uma narrativa comercial, a construção das personagens é original, diferente das adaptações anteriores do romance, e significativa para o público, principalmente entre as mulheres jovens. Provavelmente esse público identificou-se com as quatro personagens principais da narrativa, vivendo seus conflitos pessoais e profissionais, e com o fato de que a história não é centrada na relação amorosa entre Lizzie e Darcy, mas na relação de amizade e irmandade entre Lizzie, Jane, Lydia e Charlotte.

A websérie conseguiu recriar o texto de Austen de uma forma criativa que manteve um diálogo com a narrativa de partida, mas recontextualizou o texto com variações em uma linguagem multimodal. É possível assistir aos vídeos e perceber a presença de textos anteriores, em uma intertextualidade explícita.

Referências

- AMORIM, Lauro Maia. *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, e Kim, de Rudyard Kipling*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- BRUHN, Jorgen. Dialogizing adaptation studies: From oneway transport to a dialogic two-way process. In: BRUHN, Jorgen; GJELSVIK, Anne; HANSSEN, Eirik Frisvold (Editores). *Adaptation Studies: New Challenges, New Directions*. Edição Kindle. London: Bloomsbury, 2013. p. 69-88.
- CHATMAN, S. What novels can do that films can't (and vice versa). *Critical Inquiry*, v. 7, n. 1, p. 121-140, 1980.
- CORSEUIL, Anelise Reich. Literatura e cinema. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3a. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 369-378.
- GANCHÓ, C. V. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: Editora Viva Voz, 2010.
- HERGESEL, João Paulo Lopes de Meira. *Considerações estilísticas sobre webséries brasileiras: a narrativa midiática no contexto do universo on-line*. 2014. 226f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2014.
- HUTCHEON, L. *Uma teoria da adaptação*. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- KOZAK, Noelle. New media adaptations of classic literature: from Pride and Prejudice to The Lizzie Bennet Diaries. *Inquires Journal*, v. 8, n. 10, 2016.
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. Tradução: a questão da equivalência. *Alfa: revista de linguística*, São Paulo, n. 44, p. 89-98, 2000.
- SANDERS, J. *Adaptation and appropriation*. London and New York: Routledge, 2006.

STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. Tradução de Fernando Mascarello. 5a. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

THE LIZZIE BENNET DIARIES. Direção e co-criação: Bernie Su e Hank Green. Produção: Jenni Powell. Intérpretes: Ashley Clements; Laura Spencer; Mary Kate Wiles; Julia Cho; Daniel Vincent Gordh e outros. Roteiro: Bernie Sue; Margaret Dunlap; Rachel Kiley; Anne Toole; Kate Rorick e outros. Califórnia, Estados Unidos: Pemberley Digital, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/LizzieBennet>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

Recebido em: 27/07/2018

Aprovado em: 23/10/2018